

Jovens rurais do Ensino Médio: experiências escolares e expectativas juvenis

 Karla de Freitas Alves Pinto¹,  Ruth Bernardes de Sant'Ana²

¹ Universidade Federal de Viçosa - UFV, Departamento de Economia Doméstica DED, Avenida Peter Henry Rolfs s/n., Campus Universitário, Viçosa - MG, Brasil. ² Universidade Federal de São João del Rei - UFSJ.

Autor para correspondência/Author for correspondence: karlaalvesp@ufv.br

RESUMO. Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que buscou analisar o processo de escolarização de jovens do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública rural. Procuramos destacar os fatos mais significativos da experiência escolar trazidos pelos alunos e suas expectativas de futuro, com o objetivo de compreender os sentidos que eles atribuem às vivências em uma escola localizada na zona rural. Os procedimentos de pesquisa utilizados foram observações de estabelecimento, entrevistas individuais semiestruturadas, questionário e estudo documental. Os dados da pesquisa sugerem que os jovens são capazes de opinar acerca das aulas, dos conteúdos ministrados e da escola. A partir das entrevistas, percebemos que os sentidos atribuídos à escola no processo da escolarização são positivos, já que os jovens se sentem confiantes nessa instituição.

Palavras-chave: juventude rural, ensino médio, escolarização.

Rural young in High School: schooling experiences and youth expectations

ABSTRACT. This article presents the results of a research that sought to analyze the schooling process of young students in their first year of Higher Education from a rural school. We try to highlight the most significant facts of the school experiences brought by students and their expectations for the future with the aim of understanding the meaning they attribute to the experiences in a school located in countryside. The research procedures were establishment observations, individual semi-structured interviews, questionnaire and documentary study. The survey data suggest that young people are able to express their opinions about classes, content and school. From the research data, we can say that young people are able to express their opinions about classes, content and school. From the interviews, we realized that the meanings attributed to the school in the schooling process are positive, since young people feel confident in this institution.

Keywords: rural youth, high school, schooling.

Jóvenes rurales de la Escuela Secundaria: experiencias escolares y expectativas juveniles

RESUMEN. Este artículo presenta los resultados de una investigación que buscó analizar el proceso de escolarización de los jóvenes estudiantes del primer año de la secundaria de una escuela rural. Tratamos de resaltar los hechos más significativos de la experiencia escolar aportados por los estudiantes así como sus expectativas para el futuro, a fin de comprender los significados que atribuyen a las experiencias en una escuela secundaria ubicada en zona rural. Los procedimientos de investigación utilizados fueron: observaciones del establecimiento, entrevistas individuales semiestructuradas, cuestionarios y análisis de documentos escolares. Con los datos de la investigación, podemos decir que los jóvenes son capaces de expresar sus opiniones sobre las clases, el contenido y la escuela. A partir de la entrevista hecha a los jóvenes, nos dimos cuenta de que los significados atribuidos a la escuela en el proceso escolar son positivos, ya que ellos se sienten confiados en esta institución.

Palabras clave: juventud rural, escuela secundaria, escolaridad.

Introdução

O presente artigo¹ apresenta os resultados de uma pesquisa que buscou analisar o processo de escolarização de jovens rurais do Ensino Médio em Rio das Mortes, distrito de São João del-Rei, Minas Gerais, em uma escola localizada a 8 km dessa cidade. O objetivo deste estudo foi identificar o papel da escola na vida dessas pessoas, bem como suas perspectivas de vida num contexto de transformações sociais, culturais e econômicas no qual a diferenciação dos espaços urbano e rural se reconfigura e se torna cada vez mais tênue.

Os sujeitos da pesquisa foram jovens rurais do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública. A pesquisa buscou destacar os fatos mais significativos da experiência escolar trazidos pelos alunos e, para tal, a pesquisadora empreendeu uma investigação de *ênfase plurimetodológico* – qualitativo e quantitativo ao mesmo tempo. O questionário, as entrevistas individuais semiestruturadas e observações foram as fontes primárias na coleta dos dados, enquanto prontuários, fichas, dentre outros documentos dos alunos, configuraram-se como fonte secundária de obtenção dos dados. O questionário tratou da caracterização socioeconômica dos alunos e de seus familiares, sobre as atividades escolares dentro e fora do estabelecimento, e da escolarização juvenil nas suas relações

com os âmbitos do urbano e rural. Esse instrumento de coleta foi concebido para abarcar todos os alunos da classe, diferentemente da entrevista, cujo propósito foi abordar os sentidos da experiência escolar, por meio de uma escuta atenta e dialógica, razão pela qual ela deveria atingir um pequeno número de jovens, e garantir a mesma proporção entre rapazes e moças.

Essa turma é composta por 33 alunos: 17 meninos e 16 meninas. Quando do preenchimento do questionário, 10 alunos estavam ausentes e, dos 23 presentes, três se recusaram a participar. Um dos jovens que não quis responder ao questionário foi o que se mostrou mais arreado e desconfiado. Em todas as aulas observadas, ele se mostrou o mais distante com relação aos professores e às disciplinas. Os outros dois que não responderam são aparentemente influenciados por aquele. Com relação às meninas, prontamente quiseram responder ao questionário e não tiveram muitas dificuldades em fazer isso. Todas demonstraram interesse em colaborar com a pesquisa, e algumas delas estabeleceram uma relação mais próxima de amizade com a pesquisadora.

Foram realizadas entrevistas individuais com 12 jovens que aceitaram participar, sendo 6 meninas e 6 meninos.

Para conseguir um maior número de jovens do sexo masculino – com o objetivo de tornar mais igualitário o número de entrevistados entre os sexos –, a pesquisadora precisou insistir muito no convite aos rapazes, pois parte deles mostrou não apreciar muito dar entrevistas.

Partimos do pressuposto de que a escola é um local onde muitos jovens passam grande parte da vida. De fato, não é novidade que muitas escolas não conseguem atrair e reter os jovens, mas geralmente é nesse espaço de encontros e vivências que eles começam a construir seu projeto de vida. Compartilhamos com Leão, Dayrell e Reis (2011) a concepção de que as expectativas de futuro dos jovens remetem à ideia de realizações no âmbito profissional, afetivo e escolar. Tais expectativas dependem de um campo de possibilidades dado pelo contexto socioeconômico e cultural no qual o jovem se encontra inserido. Entender as expectativas desses jovens permite, sobretudo, compreender os diferentes anseios daqueles que se encontram nessa faixa etária de escolarização e, ao mesmo tempo, refletir sobre aspectos significativos do mundo social onde se encontram inseridos (dentro e fora da escola), em suas relações com as perspectivas de futuro por eles visualizadas.

Destarte, é na escola o jovem estabelece relações que influenciam muito sua vida, suas escolhas e sua trajetória escolar. Para atender melhor às necessidades juvenis, a escola deve se concentrar em aspectos relacionados à permanência do aluno e à qualidade dos serviços oferecidos. Para tal, é preciso estar atento às condições de funcionamento da instituição, à formação e à capacitação dos professores, à qualidade do material didático, à leitura no trabalho escolar, à participação dos pais na escola e em casa e à qualidade da merenda escolar (Dayrell, 2007).

Para os jovens rurais, o estabelecimento escolar constitui um território relacional muito importante, que lhes permite a vivência de intercâmbios diversos, a elaboração e o redimensionamento de normas sociais e a constituição de modos de viver a vida como jovens e alunos ao mesmo tempo, a partir de referências socioculturais concomitantemente rurais e urbanas que se modulam no aqui e no agora da interação social entre eles.

O global e o local, provavelmente, mesclam-se na vida dos jovens rurais que conseguiram chegar ao Ensino Médio e afetam seus projetos mediatos e imediatos. Buscamos, desse modo, identificar o papel da escola na vida desses sujeitos e as

perspectivas de vida em um contexto de transformações sociais, culturais e econômicas no qual a diferenciação das fronteiras entre o urbano e o rural se reconfigura e se torna cada vez mais tênue, na medida em que essas novas dinâmicas no espaço rural devem ter mais impacto na população mais jovem e com um percurso mais longo de escolarização propiciado pelo Ensino Médio. Uma forma de investigar as experiências juvenis de estudantes que habitam o mundo rural na contemporaneidade consiste em analisar a maneira como eles percebem os impactos da escolarização nos seus campos de possibilidades no presente e no futuro. Atualmente, eles vivem uma de trajetória menos comum para a geração anterior, ou seja, a de frequentar o Ensino Médio e ter uma entrada mais tardia no mundo do trabalho.

A escolarização de jovens rurais: contextos e desafios

Quando se trata de refletir sobre o sistema educacional brasileiro, é consenso a percepção de que o ensino médio é o nível de escolarização que provoca os debates mais controversos, seja pelos persistentes problemas do acesso e da permanência, seja pela qualidade da educação oferecida, seja pela discussão sobre a sua identidade (Kuenzer, 2007).

A inclusão do Ensino Médio no âmbito da educação básica e o seu caráter obrigatório demonstram o reconhecimento da importância política e social que ele possui. Trata-se de uma demanda crescente de escolarização em um contexto de desvalorização dos diplomas em virtude da expansão do acesso a todos os níveis de ensino, inclusive ao ensino superior, e do imperativo econômico de ampliação da formação dos jovens para competição/inserção no mercado formal de trabalho. O ensino médio representa apenas os três ou quatro últimos anos da educação básica, mas apresenta dificuldades no momento de definir políticas para essa etapa da escolarização que nunca teve uma identidade muito clara, tanto no que se refere ao acesso à universidade, quanto no que diz respeito à formação profissional (Krawczyk, 2013).

Para grande parte dos professores e dos pesquisadores, o jovem que frequenta o Ensino Médio é compreendido apenas na sua dimensão de aluno. Dessa forma, a condição de aluno aparece como um dado natural, e não como uma construção social e histórica. Independentemente do sexo, da idade, da origem social ou das experiências sociais vividas, é a condição de aluno (quase sempre na sua dimensão cognitiva) que informa a compreensão que o professor ou o pesquisador constrói sobre

esses atores. A fase de vida e suas peculiaridades, a origem social, o gênero e a etnia, entre outras dimensões que o constituem como jovem, devem ser colocadas entre parênteses em nome do progresso cognitivo do aluno, razão pela qual esses elementos da experiência juvenil não são levados em conta e, quando abordada fora da escola, a vida do aluno aparece como um tempo vazio de sentido na definição do processo de ensino-aprendizagem. Nessa compreensão, pouco se apreende sobre os sujeitos reais que frequentam a escola, as múltiplas dimensões da sua experiência social, suas demandas e expectativas (Leão *et al.*, 2011).

Conforme Castro (2005), para os adolescentes do universo juvenil rural, um desafio consiste na incerteza entre “sair e ficar” no campo devido às dificuldades de permanecer na agricultura, aos limites impostos pela escassez da terra, à baixa renda das famílias e, conseqüentemente, ao exíguo investimento na produção. Os jovens vivem o dilema entre a possibilidade de se tornarem proprietários de terra (ou de algum bem) e a aspiração de viver nas cidades.

Segundo Matos (2002), a saída dos jovens do campo para a cidade se deve também à busca pelo “moderno”, o que, de acordo com o autor, caracteriza a visão

sobre o rural como atrasado ou primitivo. Essa visão faz o jovem do meio rural querer entrar nos “moldes” da juventude urbana “moderna” para não ser visto ou não se ver como “atrasado” ou “inferior”.

Para contrapor a essa imagem de inferioridade, muitas vezes o jovem busca se apropriar de novas tecnologias e do conhecimento acadêmico. Parte dessa nova apropriação dos modos de ser e estar na sociedade é, também, o reflexo do afrouxamento entre as fronteiras territoriais, conforme aponta o estudo de Carneiro (1998). Essa autora sugere que campo e cidade estão se interligando cada vez mais, o que contribui para redefinir a dinâmica entre esses dois polos.

Ainda nos lembra Carneiro (1998), que as mídias são fortes influências nesse estreitamento de fronteiras, uma vez que elas exercem um impacto importante na redefinição de valores e isso pode gerar dificuldades na definição das características particulares de um espaço determinado. No entanto, a autora observa que as trocas cada vez mais intensas entre campo e cidade não eliminam suas características sociais e culturais específicas.

Segundo o estudo de Breitenbach e Corazza (2019), a questão da juventude rural ganhou centralidade, especialmente, porque é uma categoria associada ao futuro

do meio rural. Nesse contexto, a identidade social do jovem rural brasileiro é construída num processo de diálogo entre o universo rural e os espaços urbanos. Aspectos subjetivos como a ligação emocional e os laços familiares têm importante influência na permanência dos jovens no meio rural. Além disso, as dificuldades e incertezas encontradas no meio rural e a existência de mais de uma geração na mesma propriedade comprometem a passagem de patrimônio e a sucessão da herança entre gerações, fatores que ainda hoje figuram como os principais responsáveis pela saída dos jovens do mundo rural.

De acordo com pesquisa realizada por Santos (2017), o êxodo rural, especialmente de jovens, tem sido constante nos últimos anos. São variados os motivos que impulsionam os jovens para a cidade, dentre os quais está a falta de incentivos para que esses jovens permaneçam na propriedade familiar e desenvolvam atividades nelas.

Metodologia

Para compreender as experiências escolares e as expectativas dos jovens, realizamos observações da sala de aula do primeiro ano do Ensino Médio, com o intuito de obter uma compreensão mais global sobre as interações dos sujeitos em

sala de aula, bem como sua relação com a escola no seu processo de escolarização.

As observações foram registradas de forma descritiva no diário de campo, com o intuito de armazenar as impressões do dia a dia escolar. Foi utilizado, em algumas situações, o registro das impressões após a saída da sala de aula. As observações geraram um desconforto inicial para alguns professores, que temiam estar sendo avaliados ou julgados, e para alguns alunos, por pensarem que a pesquisadora poderia ser uma funcionária da escola.

O questionário aplicado nos auxiliou na tarefa de traçar um perfil e caracterizar melhor o universo dos sujeitos da pesquisa por conter as opiniões, as crenças, os sentimentos, os interesses, as expectativas, a origem social, a renda familiar mensal e a relação com o trabalho e com a escola, o que nos permitiu aproximação das vivências escolar e extraescolar.

Segundo Gil (2008), uma característica positiva do questionário é a capacidade de abranger um grande número de pessoas em pouco tempo, além de garantir o anonimato dos sujeitos que o respondem. Isso pode conferir mais liberdade na elaboração das respostas, uma vez que não há a preocupação com as possíveis consequências de suas declarações.

Realizamos entrevistas individuais com 12 jovens, sendo 06 (seis) meninas e 06 (seis) meninos. Todos os alunos da classe foram convidados, porém, na segunda rodada, uma menina tinha deixado o distrito para morar em São Paulo. Também realizamos uma entrevista semiestruturada, ou seja, aquela direcionada por meio de um roteiro previamente estabelecido, composto por questões abertas. Mesmo elaborado com antecedência, esse roteiro permite uma organização flexível, o que dá ao pesquisador a possibilidade de ampliar os questionamentos à medida que o entrevistado oferece informações e se expressa com certa liberdade sobre os temas indicados. Com essa modalidade de entrevista, assumimos um papel menos diretivo na busca de um diálogo aberto com a intenção de entender sob que perspectiva o entrevistado fala e de fazer emergirem aspectos significativos sobre o tema da pesquisa.

Caracterização geral da escola, das condições socioeconômicas dos jovens, de suas famílias e da escolarização dos jovens pesquisados

A escola tomada como base empírica para balizar esta pesquisa foi a escola Estadual Evandro Ávila, situada em Rio das Mortes, distrito de São João del-Rei, Minas Gerais. Não existe uma definição

exata de quando essa escola foi fundada, apenas relatos de diversas datas possíveis. Também não foram encontrados registros referentes à escola Estadual Evandro Ávila, nem na própria escola, tampouco na Superintendência Regional de Ensino (SRE) ou mesmo na Prefeitura Municipal de São João del-Rei. Diante disso, todas as informações foram materializadas pela leitura de *blogs* (da escola e do governo mineiro), do Projeto Político Pedagógico da Escola e informações oriundas de história oral.

No momento da pesquisa, a escola possuía 423 alunos, sendo que o Fundamental I (1º ao 5º ano) comportava 112 alunos no período da tarde, o Fundamental II (6º ao 9º ano) possuía 177 alunos com uma turma pela tarde e cinco turmas pela manhã. O Ensino Médio contava com quatro turmas pela manhã, com 110 alunos, e uma turma noturna de Educação de Jovens e Adultos (EJA), com 24 alunos. Havia ainda uma Turma de Aceleração (TA) do 9º ano do Fundamental, com vistas à passagem ao 1º ano do Médio, cujo objetivo é corrigir a distorção idade/série e reduzir o fracasso escolar – programa governamental chamado “progressão continuada”. A maioria dos alunos da escola pertencia ao distrito de Rio das Mortes, mas boa parte deles morava em outros povoados. A

distância entre escola e povoados também é variável, como o povoado de Goiabeiras, que fica a 4 km de Rio das Mortes.

A equipe de trabalhadores da escola totalizava 43 pessoas, contemplando professores (efetivos e contratados), supervisores, coordenadores pedagógicos, assistentes técnicos em educação básica (auxiliar de secretaria), secretárias, auxiliares de serviços de educação básica (cantineiras), assistentes técnicos de educação básica (parte financeira/contabilidade), bibliotecárias, diretor e vice-diretores.

No que se refere à posição no *ranking* das escolas de referência no estado de Minas Gerais pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de 2009, a escola Evandro Ávila ocupou a posição número 492 entre as escolas públicas mineiras, em uma lista com um total de 3.497 posições. Com relação ao IDEB da escola, em 2013 a instituição de ensino atingiu a meta de 7,6 nos anos iniciais da rede estadual, sendo que a meta era 5,2. Já em relação aos anos finais, também atingiu a meta, estabelecida pelo governo, de 4,5, mas não manteve a pontuação anterior de 6,0, pois obteve 5,3, o que significa uma queda significativa. Além disso, a escola registrou a porcentagem de 68% de alunos que aprenderam o adequado na competência de

leitura e interpretação de textos até o 5º ano.

Os alunos que frequentavam essa escola chegavam às 7h20 da manhã, a pé ou em ônibus escolar. Eles encontravam os portões abertos, adentravam a escola e conversavam com os grupos de amigos no pátio da escola enquanto aguardavam o início das aulas, que ocorria às 7h30. O clima escolar era descontraído, com relações sociais pouco conflituosas entre os estudantes e o *staff* da escola.

Grande parte das famílias com as quais os jovens vivem é nuclear, ou seja, são constituídas pelo pai e pela mãe. De modo geral, os alunos que participaram da pesquisa integram famílias relativamente pequenas (4 a 7 membros) e a grande maioria é composta de pais e dois filhos, possui residência na área rural, na casa dos pais ou avós, tem faixa etária entre 15 e 17 anos e todos moram com família, sendo que nenhum jovem é casado.

A análise sobre a situação familiar dos entrevistados sugere que apenas 10% das famílias dos estudantes não moram em casa própria e pouco mais da metade deles (55,6%) possui propriedades rurais (terras destinadas ao cultivo). O grau de escolaridade dos pais ou responsáveis é predominantemente o 1º grau completo e somente em um caso o pai possui curso superior completo. Já o grau de

escolaridade das mães tem uma média de 28,6% em cada um dos níveis seguintes: 1º grau incompleto, 1º grau completo e 2º grau completo. Apenas duas mães possuem curso superior completo.

A renda familiar de 81,8% dos entrevistados, considerando todos os adultos que trabalham, não é superior a três salários mínimos. Vale ressaltar que em nenhuma das respostas válidas a renda familiar foi acima de 06 salários mínimos.

Em relação à profissão da mãe ou responsável, nove categorias foram listadas pelos entrevistados. Da totalidade de mães que trabalham fora, 21,4% trabalham como empregadas domésticas. Além disso, 21,4% são donas de casa. Também foram citadas uma mãe ajudante de viveiro e outra cozinheira. Quanto à profissão do pai ou responsável, foram listadas onze categorias, sendo que a de “aposentado” obteve 21,4%. Profissões como pedreiro, aposentado, agricultor e serviços rurais compõem as atividades exercidas pelos pais dos entrevistados.

Laura, uma das entrevistadas, faz cursos no SENAI, bem como aulas particulares e lições de redação. Sua família é a única que garante cursos extraescolares para melhor desempenho escolar e profissional da aluna. Lucas e Afonso também já fizeram curso

extraescolar no SENAI e dizem ter interesse em fazer outros.

Nesse contexto, é importante destacar que mesmo os jovens da comunidade que buscam um nível de escolaridade mais avançado a partir do ensino técnico/profissionalizante em São João del-Rei continuam vivendo em Rio das Mortes, mantendo, assim, uma relação com a família e com o meio rural onde vivem.

Pode-se observar que o incentivo dos pais aos estudos é unânime na pesquisa. Para as famílias, os estudos são de grande importância para a garantia de que os jovens terão um futuro melhor. Foi possível concluir também que a participação em reuniões na escola são atitudes recorrentes entre os pais desses jovens.

Outra questão a se considerar é o acesso dos jovens à escola, tendo em vista que cada pessoa possui uma necessidade particular segundo a localização espacial de sua moradia ou trabalho. Nem todos têm carro ou moto, e o deslocamento por meio de transporte coletivo se torna muito importante, pois influencia diretamente a qualidade de vida dos jovens.

Nas áreas rurais, o transporte coletivo é importante para as famílias que moram ou trabalham fora de Rio das Mortes, pois, para algumas, é o único meio

de que dispõem para ir e vir. Em Rio das Mortes, esse deslocamento é feito por uma empresa de ônibus urbano que dispõe algumas unidades de sua frota especificamente para realizar a rota direta entre São João del-Rei e Rio das Mortes. A mesma empresa também dispõe de ônibus que circulam pelas redondezas de São Sebastião da Vitória, Goiabeiras e Rio das Mortes. Esses ônibus têm horários específicos e circula de hora em hora, das 6h às 22h. Aos fins de semana, há itinerários até o fim da tarde.

Em muitas partes do país, as empresas de transporte enfrentam muitas limitações para atender a população rural, sendo a principal delas a estrutura das estradas, que, em sua maioria, são precárias e desgastam bastante o veículo. O trecho entre São João del-Rei e Rio das Mortes é uma rodovia. Desse modo, é possível perceber que os jovens de Rio das Mortes não estão necessariamente isolados física e espacialmente e que suas trajetórias de vida se dão entre o mundo rural e o urbano. Assim, é possível concluir que são influenciados por valores dos dois universos culturais, o que torna difícil o estabelecimento de fronteiras entre os elementos do urbano e do rural nos seus modos de viver a juventude.

De acordo com os estudantes, a distância das moradias dos entrevistados

até a cidade de São João del-Rei é de 10 a 14 quilômetros. Quando são convidados a fazerem projeção do futuro, a maioria dos jovens (83,3%) respondeu que pretende fazer curso superior. Dentre as maiores dificuldades do jovem rurais listadas pelos entrevistados estão as estradas e suas más condições (dentro do distrito) e os horários limitados do transporte coletivo.

Da escolarização dos jovens pesquisados

A maioria dos estudantes (76,5%) entrou na escola entre quatro e cinco anos de idade; 70% dos pesquisados afirmaram que fizeram as tarefas escolares sempre ou quase sempre e 30% esporadicamente. Nessa questão sobre a realização das tarefas, um aluno alegou a “preguiça” como motivo para o não cumprimento da obrigação e outro declarou que deixa de fazer a tarefa quando tem dúvidas a respeito. Em um dia letivo, 55,0% dos estudantes realizam afazeres domésticos em uma hora ou menos.

Quando questionados sobre o motivo de irem à escola, 72% dos jovens responderam que consideram importante para seu futuro profissional a frequência à escola. Em relação aos conteúdos ministrados na escola, 47,8% acreditam haver um equilíbrio entre conhecimentos úteis e inúteis. Além das aulas regulares, os alunos demonstram interesse pela área de

informática e pelas atividades culturais; porém, a maioria não participa de nenhum curso extracurricular. Convidados a refletirem sobre suas possíveis escolhas, 47,6% dos entrevistados responderam que estudariam em uma escola pública na cidade, 23,8% estudariam em uma escola privada na cidade e 28,6% continuariam na Escola Evandro Ávila. Isso parece significar a forte atração que a cidade exerce sobre muito deles, mais do que um julgamento depreciativo da escola, em termos da qualidade de ensino e da relação social em seu interior.

Os dados dos 12 alunos que responderam ao questionário mostram que o percentual de jovens que não se consideram rurais é de 38,9%, por acreditarem que jovens são jovens, independentemente do lugar. Já 33,3% desses jovens se consideram jovens rurais por morarem na área rural. Dos jovens que não se consideram rurais por outros motivos, um deles alegou apenas que “se identifica” com a área rural e outro não reside no campo.

Sobre mídia e acesso à cultura, a média de livros que os jovens possuem em casa, além dos escolares, é inferior a vinte livros, na maioria das respostas. Não houve respostas superiores a cem livros nem inferiores a um. Do ponto de vista do acesso às novas tecnologias de informação

e comunicação, foi possível perceber, nos momentos das entrevistas e no trabalho de campo, que a televisão e a internet são as mídias mais utilizadas pelos jovens. Em boa parte das observações foi possível notar que quase todos os jovens sempre estavam com o celular em mãos em sala de aula, embora a equipe de direção da escola tivesse proibido o uso dos celulares devido aos excessos e à falta de atenção nas disciplinas.

A presença de aparelhos celulares foi uma característica constante. Assim como Silva e Pereira (2015), observamos que, similarmente aos jovens pesquisados por esses autores, os jovens da escola rural investigada neste trabalho também demonstraram que esse dispositivo tecnológico de comunicação é muito disseminado no cotidiano escolar como uma marca do ser jovem na sociedade atual. Desse modo, é impossível não associar a imagem dos jovens ao uso dessas novas tecnologias de comunicação e informação.

A internet também é vista como forma de entretenimento. O *Facebook* é a rede social mais utilizada, especialmente para conversas, namoro e distração. Outros recursos midiáticos também se apresentaram na fala dos jovens. Marina, por exemplo, às vezes acessa a internet pelo celular, mas comentou que a conexão

é muito ruim. O jovem Pedro expôs que, no tempo livre, gosta de visitar as redes sociais e de jogos *on-line*. Josiane, por sua vez, relatou que gosta de ficar em casa “mexendo” no computador. Já Lucas declarou que gosta de assistir à televisão. Dos jovens investigados, todos tinham acesso à internet, embora Vitória e João não tivessem computador e, por conseguinte, Vitória utilizava o computador na casa da avó e João, o da escola. João, Laura e Vitória relataram que buscavam informações na internet para pesquisas escolares.

Com base nesses dados sobre os usos feitos desses dispositivos midiáticos, é possível ponderar que o fato de ter livros em casa e/ou acesso à internet não necessariamente significa o aumento do conhecimento escolar e da cultura em geral. As mídias permitem inserir os jovens no mundo tecnológico e proporcionam competências para uso geral das tecnologias, o que pode ser dirigido para alvos culturais sem relação com o conhecimento valorizado pela escola.

Segundo os jovens, durante a semana, um tempo é despendido “da escola para casa, da casa para escola”. A vida dos jovens fora da escola no período em que cursam o Ensino Médio envolve também o trabalho dentro do lar, onde ajudam os pais em atividades de arrumação da casa – o

que não pode ser considerado um impeditivo à execução das tarefas escolares, já que consiste em um período curto de tempo em comparação ao tempo diário despendido com a TV e o computador. O uso de redes sociais, de jogos *on-line*, da televisão e também a dedicação às tarefas escolares são algumas declarações muito comuns entre os jovens pesquisados. O tempo médio que esses estudantes passam assistindo TV e utilizando o computador, em um dia letivo, foi superior a quatro horas em mais de 30% das respostas nos dois casos. Quando interrogados sobre o quanto estudam em casa, 45% consideram suficiente, 25% insuficiente, 20% gostariam de estudar mais e apenas 10% consideram mais que suficiente o tempo que passam estudando. Aos que responderam que gostariam de estudar mais e aos que acham insuficiente o tempo de estudo, foi questionado sobre o que lhes impedia de estudar.

No entanto, uma parte do tempo livre é ocupada, em geral, com atividades desenvolvidas na própria comunidade e, embora esta não ofereça muitas opções, os jovens buscam participar de tudo o que é oferecido – isso inclui os eventos culturais tradicionalmente lá organizados e os passeios promovidos pela escola. No primeiro ano da pesquisa, por exemplo, foi possível presenciar uma passeata da escola

com todos os alunos nos arredores de Rio das Mortes. A passeata se tratava de um pedido de “Paz” da escola e da comunidade em razão da morte de um jovem nas proximidades da instituição. Além disso, nos relatos dos jovens, podemos perceber que a quadra poliesportiva é frequentemente utilizada pela população dessa localidade, mesmo em tempos extraescolares.

A busca de atividades culturais fora do distrito também é uma prática comum entre os jovens que procuram alternativas como bares e namoro em cidades vizinhas. Em conversas informais com os jovens, foi possível perceber que eles gostam de frequentar as festas em São João del-Rei, devido à visibilidade entre eles, bem como as festas tradicionais nas cidades vizinhas.

Em relação ao trabalho, 47,8% não estão trabalhando e 30,4% estão à procura de emprego. Quando convidados a escolher as alternativas sobre as expectativas futuras, 68,4% responderam que gostariam de conciliar universidade e trabalho. Somente um jovem gostaria de apenas trabalhar, o que corresponde a 5,3% das respostas válidas. Em outras opções, um estudante gostaria de terminar os estudos e fazer um curso superior, enquanto outro gostaria de ser independente e ter mais conhecimento.

Sentidos da experiência escolar e expectativas de futuro

Para compreender os significados que os jovens atribuíram à escola, é fundamental considerar que eles produzem uma maneira própria de ver e valorizar a escola, que não corresponde necessariamente à visão de seus professores e familiares. A vida escolar ou mesmo a “motivação” para os estudos dependem muito das experiências individuais, dos interesses e das identidades que se constroem a partir da realidade vivida e das interações com outras pessoas e com a própria escola.

A pesquisa aqui apresentada nos revela que, enquanto para alguns estudantes a escola representa, sobretudo, uma obrigação que os pais ou a sociedade impõem, para outros, estudar está diretamente relacionado à inserção no mercado de trabalho. Em entrevista individual, Leo argumenta que vai “... à escola para encontrar um bom emprego”. Leoni, por sua vez, explica que quer se formar “... e ter um bom emprego”. Assim, os jovens traçam planos para o futuro profissional e esperam que a escola contribua para uma boa colocação no mercado de trabalho. Para muitos, o valor da escola está no fato de ser um lugar onde encontram os amigos, fazem amizades e se relacionam, o que é indicativo do valor da

escola na sociabilidade juvenil na sociedade em que vivemos. As expressões mais comuns dessa sociabilidade são as brincadeiras ocorridas no grupo-classe como um todo (com ou sem participação do professor) ou no interior de grupos de pares mistos ou distintos quanto ao gênero (masculino ou feminino). Trata-se de uma cultura juvenil que se constitui nas relações sociais juvenis dentro e fora da escola, e que no espaço escolar sinaliza a afirmação do que é ser jovem, de acordo com o “ofício do aluno” ou em oposição a ele. Ela se apresenta na sala de aula como uma tensão entre as exigências desse “ofício” e as brincadeiras e “zoações” juvenis. Na classe pesquisada, o clima relacional era tranquilo, pois professores e alunos se mostravam capazes de gerir essa tensão no cotidiano escolar quando ela se manifestava abertamente.

Os jovens investigados acreditam ter vivenciado muitas experiências significativas na escola e deixam explícito que poderiam ter se dedicado mais, como na fala de Marlon: “Eu poderia ter estudado mais”; e no depoimento de Marcos: “Eu podia ter estudado mais, mas não consigo estudar em casa, aí não faço boas provas”.

Com relação ao motivo de frequentarem a escola, eles ressaltaram mais frequentemente a importância de

estudar para garantir um futuro melhor, como apontam os jovens em entrevista individual (E.I).

Para um futuro melhor. (Afonso, E.I).

Porque eu gosto de estudar; aqui eu me ocupo, adquirei conhecimento que eu posso utilizar depois para as provas, e me dá uma base pra fora pro mercado de trabalho. (Vitória, E.I).

A pesquisa indicou que os jovens demandam uma escola que faça sentido para a vida e que contribua para a compreensão da realidade. Eles reivindicam a vinculação do que é ensinado na escola ao seu cotidiano:

Prefiro aulas mais dinâmicas, mais na prática, não só muito na escrita. (Josiane, E.I).

Talvez os professores possam trazer uma aula para interagir mais com o pessoal. (Felipe, E.I).

Eu acho que deveria melhorar a qualidade de ensino, os livros didáticos, os literários, aulas mais dinâmicas, porque ficar só no quadro e livro é bem cansativo. (Vitória E.I).

Esses jovens que frequentaram a escola Evandro Ávila construíram representações positivas acerca da escola. A maior parte deles depositou na escola e na educação a esperança de conseguir um *status* social mais reconhecido e de obter melhores empregos. Observa-se a crença de que a escola possibilite melhores

oportunidades de “ser alguém na vida” ou de ingressar no mercado de trabalho. Além disso, todos os jovens demonstram satisfação em estudar o Ensino Médio na mesma instituição onde começaram suas trajetórias escolares.

Segundo a jovem Laura, a escola rural não é inferior às escolas urbanas de São João del-Rei. Sobre isso, a maioria dos jovens considera que a escola os ajudaria a permanecer em Rio das Mortes, mas a falta de perspectiva de trabalho no meio rural os impulsiona a criar expectativas de ter maior sucesso em obtê-lo fora do distrito, como ilustra Laura em entrevista ocorrida em novembro 2015: “Ficar em Rio das Mortes é difícil por causa da carreira que quero seguir. Muitos jovens saem do meio rural por não ter trabalho garantido o ano todo, isso leva a sair por falta de opção”.

Em relação aos pais e ao valor atribuído ao processo de escolarização dos filhos, os jovens declaram que os pais participavam da vida escolar dos filhos por meio das reuniões na escola, perguntando sobre os trabalhos escolares e procurando saber sobre o rendimento escolar, como aponta Vitória em E.I: “Meus pais procuram saber das minhas notas e como estou nos trabalhos”. Os jovens indicam que o diploma é muito importante para eles e para família, uma vez que os pais acreditam que, sem estudos, a pessoa “não

é ninguém”, como aponta Josiane em entrevista: “... sem estudo a gente não é nada”.

Laura era uma das jovens que frequentavam atividades que ampliam a formação escolar, como o curso de redação e os cursos oferecidos pelo SENAI em São João del-Rei. Ela se destaca por contar com apoio e incentivo da mãe para frequentar tais atividades. Segundo a jovem, obter bom êxito nas provas não basta e, por isso, busca fora da escola complementos para sua formação:

Laura: De manhã eu tenho aula aqui né, à tarde tem aula, de noite cursinho, quinta feira eu tenho aula de redação em São João; daí eu fico por lá.

Pesquisadora: Você faz SENAI em São João?

Laura: Não, eu parei já; foi só um curso de férias; como não tinha nada pra fazer nas férias, aí eu fui e fiz.

Pesquisadora: De tarde você faz o quê?

Laura: Faço as tarefas, dou uma revisão nas matérias e faço as redações que eu tenho que fazer.

Os sujeitos reafirmam o desejo de terminar o Ensino Médio e prosseguir nos estudos, pois se trata de uma conquista para eles e para as famílias. Aprender coisas novas, entender a matéria, aplicar e relacionar o que aprendeu, sair da rotina com aulas mais práticas, conseguir fazer as tarefas e cálculos e ser valorizado são aspectos que os jovens mais citaram para justificarem o gosto pela vida escolar.

De aprender Biologia. Nas aulas práticas de biologia é bem legal. (João E.I)

O professor de Filosofia e Sociologia é o mesmo e é excelente, porque ele conversa com toda a turma, então ele escuta o que nós achamos. (Luana E.I).

Os jovens aspiravam a prosseguir os estudos nas universidades, mas a representação acerca da função da escola se liga também a outro tipo de expectativa: fazer amigos e conviver com as pessoas. Os jovens afirmaram que gostam de ir à escola por causa dos amigos e expressam descontentamento com a enfadonha dinâmica de algumas aulas. Eles desejam uma mudança no currículo para a inserção de aulas mais práticas que despertassem o gosto pelo estudo e para que os professores conseguissem interagir com o universo juvenil.

Almejar o ingresso no Ensino Superior mostrou-se uma expectativa mais presente entre os jovens investigados (83% dos alunos); porém, há exceções, como no caso de Afonso, que pretende cursar primeiro um curso profissionalizante e não sabe se cursará a universidade; e de Vanessa, que, a princípio, não deseja cursar a universidade, mas fazer cursos relacionados ao teatro e ao cinema. Nenhum dos jovens investigados declarou que está na escola porque foi obrigado ou

por insistência dos pais, exceto um que disse “vir à escola porque tem que vir”.

Dos estudantes entrevistados, a maioria gostaria de conciliar trabalho e estudos após o Ensino Médio. Alguns alunos gostariam de trabalhar após concluir o Ensino Médio ou a graduação.

Quando levados a refletir acerca de suas expectativas para os dez anos seguintes e sobre o que os estudantes fariam para ser bem sucedidos profissionalmente, os jovens argumentam que desejam estudar mais, cursar uma faculdade e estar em um bom emprego.

Para o futuro, os jovens ambicionam sair de Rio das Mortes e estudar em São João del-Rei ou em outras cidades vizinhas, no intuito de se formar em uma faculdade para garantir bom emprego, ter melhores condições de vida e, então, ajudar a família. Questionados sobre o que gostariam de fazer se permanecessem em Rio das Mortes, um jovem afirma que gostaria de abrir um comércio perto da sua casa nas Goiabeiras, e outro gostaria de jogar futebol no campeonato rural. O restante pretende construir carreiras fora do distrito. A jovem Vanessa, no decorrer da nossa pesquisa, mudou-se para São Paulo em busca do sonho de ser atriz.

Conclusão

Esta pesquisa ratificou tendências ou dinâmicas identificadas por outras pesquisas sobre jovens rurais e urbanos. Além disso, este estudo procurou alargar o foco, identificando que certos segmentos de jovens rurais apresentam características muito mais do seu grupo etário do que de seu grupo rural específico, pois consomem bens e produtos comuns a jovens urbanos, avançam na escolarização em relação a seus pais e têm acesso às novas tecnologias de comunicação do mundo informatizado.

De fato, assiste-se hoje ao mundo rural não agrícola. Essa perspectiva introduz elementos novos no modo de encarar os mundos rural e urbano e a forma como se relacionam. Entre os centros urbanos e as áreas rurais prossegue a tendência de relações de complementaridade (Ferrão, 2000).

A diluição das fronteiras entre campo e cidade e a saída ou permanência dos jovens no meio rural são questões que ultrapassam o desejo de “ficar ou sair”: estão ligadas também a uma avaliação que os jovens fazem a respeito do campo e que os leva a enxergar suas perspectivas, conflitos, dificuldades e desafios.

O distrito fica a poucos quilômetros da cidade. A escola é bem conceituada e oferece uma boa estrutura, bons professores e materiais adequados,

diferentemente, talvez, de grande parte das escolas em várias regiões do Brasil. Isso mostra o esforço do estado de Minas Gerais em aumentar o acesso à escola básica até o Ensino Médio para um público relativamente distante do perímetro urbano.

Uma das preocupações centrais desta pesquisa foi a escuta a esses jovens e a identificação dos pontos de vista sobre as suas vidas dentro e fora da escola, em relação ao contexto social e geográfico mediato e imediato que referenciam suas experiências cotidianas. Isso nos permitiu compreender uma forma de viver a juventude composta de atividades de lazer generalizadas na sociedade brasileira, como o uso de internet para participação em redes sociais, o hábito de assistir a programas de televisão e a frequência de um estabelecimento escolar rural, território juvenil onde se cruzam as aprendizagens propriamente escolares com as sociabilidades juvenis diversas, constituindo-se ali um modo de apropriação da escola que não difere do mundo urbano.

As conversas com os jovens possibilitaram identificar que suas expectativas oscilam, pois eles dizem almejar “melhorarem de vida”, “ser alguém na vida”, mas não visualizam como proceder para que isso ocorra no meio

rural; mostram compromisso com a família e com o sentimento de pertencimento à localidade de origem, entretanto, não deixam de exprimir que se sentem atraídos pela vida na cidade. Isso mostra a dificuldade geral da sociedade brasileira na garantia de programas bem definidos de inserção dos jovens dos setores populares no mundo do trabalho, e a forma específica assumida por essa falta de programas na vida dos jovens rurais, que, desde longa data na história do Brasil, vivem a tensão entre “partir ou ficar”.

A partir das falas dos jovens, percebemos que o processo da escolarização no Ensino Médio é positivo, pois eles se sentem confortáveis na escola e anseiam a entrada na universidade. Os dados da pesquisa também sugerem que os jovens são capazes de falar das aulas, dos conteúdos, da escola e poderiam ser parceiros importantes na reflexão sobre o projeto educativo a eles destinados.

A maioria dos jovens entrevistados demonstrou estar satisfeita com a escola pública onde estudava. Além disso, os estudantes estabeleceram uma relação de confiança com a eficiência dos profissionais, com a qualidade do ensino e com o currículo. No entanto, gostariam que o método de ensino adotado na escola introduzisse aulas mais práticas e estimulantes.

Apesar de demonstrarem satisfação, muitos alunos, ao refletirem sobre o quanto estudaram durante a trajetória escolar, afirmaram que se pudessem modificar o que viveram na escola, estudariam mais, fariam menos bagunça e tentariam alcançar melhores rendimentos nas disciplinas. Além disso, os jovens ainda encontram dificuldades no processo de escolarização: sentem-se atraídos pelo computador, em detrimento dos livros e cadernos, no espaço doméstico.

Os jovens entrevistados também sentem o desafio de conjugar as necessidades do presente com as perspectivas de futuro e isso se imbrica com as tensões da vida na escola: estudar e não estudar, prestar atenção nas aulas e se expressar por meio de conversa ou da bagunça. É comum o choque entre o objetivo em longo prazo e as estratégias mais imediatas, de modo que, às vezes, oscilam e se voltam ora para essa prioridade, ora para aquela.

Por outro lado, os jovens afirmam que muitas horas são dedicadas à TV e ao computador, porém o utilizam mais como forma de entretenimento e, em poucos casos, de buscar informações ligadas a conhecimentos valorizados pela escola e que o tempo dedicado aos estudos em casa é insuficiente. Ao apresentarem as razões para justificarem o tempo restrito nos

estudos, os estudantes explicam que encontram dificuldades na compreensão dos enunciados das atividades e que não conseguem desenvolver o que é pedido, além de se depararem com a falta de sentido em algumas matérias.

A presença do computador no âmbito doméstico permite a aprendizagem do uso desse recurso midiático para fins de entretenimento e sociabilidade virtual, ao mesmo tempo em que os jovens parecem resistir ao seu uso para fins especificamente escolares. Dessa maneira, a escola, que no passado tinha de competir com a televisão, agora também deve competir com o computador e o telefone celular. Isso nos leva a refletir que a sociedade atual procura disponibilizar mais tempo aos jovens dos setores populares, protegendo as novas gerações da entrada prematura no mercado de trabalho, mas eles não conseguem usar parte do tempo disponível em casa para a aprendizagem escolar. Isso nos indica que a resolução do problema de baixo rendimento passa pela oferta de uma escola de tempo integral e de qualidade, e do seu estímulo ao uso dessas mídias para conhecimentos científicos e filosóficos.

As experiências mais significativas no percurso escolar foram os professores, as relações de amizades, os rendimentos nas disciplinas, as brincadeiras feitas pelos

amigos e as habilidades e aprendizagens adquiridas. Os jovens percebem como ganhos da vida na escola o valor de uma relação dialógica de amizade e respeito entre os alunos e os professores.

A questão da amizade foi citada como fundamental para o processo de escolarização. Em alguns momentos, a escola possibilitava e incentivava o entrosamento dos alunos por meio de gincanas, das feiras culturais e literárias e dos trabalhos em grupo. Todavia, em alguns momentos, existia certa separação dos grupos de amigos pela disposição dos alunos ou pelas afinidades nas turmas.

Sabemos, no entanto, que a escola não é o único lugar de socialização dos jovens, pois eles frequentam outros espaços vinculados ao esporte, à religião e ao conselho representativo comunitário, além de se socializarem com os amigos.

A relação com os professores é outra questão fortemente lembrada pelos jovens. Os participantes afirmam que têm experiências positivas e negativas com os professores. Sobre as relações positivas, eles citam a eficiência do professor em promover a aprendizagem e o bom relacionamento com os alunos. Sobre as experiências negativas, apontam as situações de punição e constrangimento.

Na relação professor-aluno estão imbricados fatores como diferenças

geracionais e relações de afirmação e poder. É perceptível que os jovens valorizam muito o diálogo com os professores. Em alguns momentos, os jovens demonstram precisar de alguém para lhes escutar ou dar conselhos, mas em outros pedem delimitação para a definição dos espaços. Nossa impressão é de que os professores se sentem compelidos a manter a ordem na sala quando os alunos excedem os limites. Por consequência, acabam por pressionar os alunos (às vezes com ameaças ou tirando pontos de conceito) e o excesso de pressão e os exageros destes levam à ruptura do diálogo.

Quase todos os jovens do 1º ano continuaram na Escola Evandro Ávila. Para eles, concluir o Ensino Médio pode representar um momento de vitória, de conquista. Esse momento é visto por eles como passagem de mais uma etapa, configurando-se, então, como a possibilidade de galgar uma passagem para a universidade.

O efeito-escola se revela mais facilmente no clima relacional que anima a escola investigada. Não encontramos nenhum jovem hostil a ela, pois foi perceptível, durante as observações, um clima expressivamente dialógico. Embora com diferenças nas dinâmicas relacionais no interior da sala de aula, a escola parece capaz de lidar com as tensões do dia a dia,

resolvendo e contendo os conflitos que, porventura, emergem.

Referências

- Breitenbach, R., & Corazza, G. (2019). Formação profissional e a relação com a sucessão geracional entre jovens rurais, Brasil. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 7(2), 262-296.
<https://dx.doi.org/10.11600/1692715x.17212>.
- Carneiro, M. J. (1998). O ideal urbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In Silva, F. C. T. et al. (Orgs.). *Mundo rural e política* (pp. s./p.). Rio de Janeiro: Pronex/Ed. Campus.
- Castro, E. G. (2005). *Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Dayrell, J. (2007). A escola faz juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Revista Educação e Sociedade*, 28(100), 105-1128.
<https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300022>
- Ferrão, J. (2000). Relações entre mundo rural e mundo urbano: evolução histórica, situação actual e pistas para o futuro. *Eure*, 27(78), 123-130.
<https://doi.org/10.4067/S0250-71612000007800006>
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a ed.). São Paulo: Atlas.
- Krawczyk, N (2013). Jovens do ensino médio: projetos de vida e perspectiva de futuro. In Dayrell, J., Carrano, P., & Maia, C. L. (Orgs.). *Juventude e ensino médio* (pp. 78-100). Belo Horizonte: Editora UFMG.

Kuenzer, A. Z. (Org.) (2007). *Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho* (5a ed.). São Paulo: Cortez.

Leão G., Dayrell J., & Reis, J.B. (2011). Juventude, projetos de vida e ensino médio. *Revista Educação e Sociedade*, 32(117), 1067-1084
<https://doi.org/10.1590/S0101-73302011000400010>

Ministério da Educação (2013). *Formação de professores do ensino médio, etapa I – caderno II: o jovem como sujeito do ensino médio*. In Carrano, P., & Dayrell, J. (Orgs.). _____ (pp. s./p.). Curitiba: UFPR/Setor de Educação.

Matos, A. G. (2002). Desenvolvimento, autonomia e academia. In: Lima, D. M., & Wilkinson, J. (Org.). *Inovação nas tradições da agricultura familiar* (pp. 02-14). Brasília: CNPq/Paralelo 15.

Santos, G. D. (2017). *Percepção dos jovens frente ao êxodo rural e as dinâmicas de mudança do campo* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

Silva, V. (2015). Jovens de um rural brasileiro: Socialização, Educação e Assistência. *Cadernos Cedes*, 22(57), 97-115. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622002000200007>

Silva, S. R., & Pereira, C. R. (2015). O consumo de smartphne entre jovens de camadas populares. *Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea*, 1-6.

ⁱ Este artigo é baseado na dissertação intitulada “Jovens Rurais do Ensino médio: Experiências escolares e Expectativas juvenis”, realizada no programa do Mestrado em Educação da

Universidade Federal de São João del-Rei, cuja defesa ocorreu em fevereiro de 2016, sendo publicada em resumo expandido em VII Conedu.

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em : 27/01/2021
Aprovado em: 04/05/2021
Publicado em: 12/07/2021

Received on January 27th, 2021
Accepted on May 04th, 2021
Published on July, 12th, 2021

Contribuições no Artigo: As autoras foram as responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: As autoras declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

CAPES.

Funding

CAPES.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA
Pinto, K. F. A., & Sant'Ana, R. B. (2021). Jovens rurais do Ensino Médio: experiências escolares e expectativas juvenis. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 6, e11490. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e11490>

ABNT
PINTO, K. F. A.; SANT'ANA, R. B. Jovens rurais do Ensino Médio: experiências escolares e expectativas juvenis. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 6, e11490, 2021. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e11490>